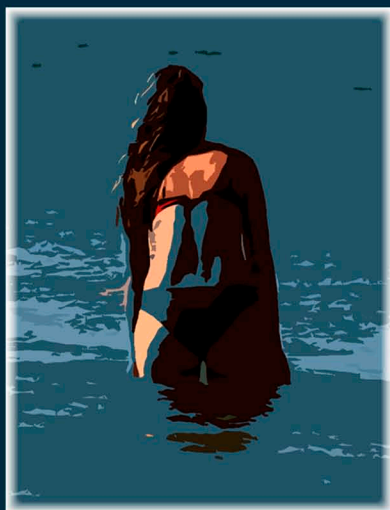


José Leon Machado

A Margem



NOVELA

Edições Vercial

PARTE I

I

A estrada era famosa pelas curvas e pela sombra das árvores. O Rubro admirava a paisagem que se espraiava para o fundo, enquanto o Rocha mudava de calças por detrás do carro estacionado. Era a hora do equinócio e o calor ia alagando as carnes de suor naquele começo de Agosto. Os dois rapazes esperavam a passagem da camioneta que transportaria mais três companheiros de Braga. Por terem atestado o carro com o material de campismo, não couberam todos.

A camioneta passou e nem sinal dos outros. O melhor seria adiantarem-se, que a fome apertava e a ânsia de chegar ao local onde acampariam era grande. O Rocha arrancou e chegaram à Caniçada a arder de sede e de calor.

O dono do café Mira-Rio, pai de um antigo colega de escola, acolheu-os muito bem e pôs-se à disposição para tudo o que necessitassem. Teriam a oportunidade de ver o filho ao serão, pois naquele momento estava a trabalhar em Vieira do Minho. Agradeceram a atenção e, não muito longe do café, foram cumprimentar o padre Armindo a casa. Foi ele que lhes arranjou o local para acampar. Colocou-se também à disposição agradecendo a visita com um grande sorriso.

Abarrotados de ajudas bem intencionadas, meteram o carro por um caminho abaixo em direcção ao Boco, o local onde passariam uma semana. A cem metros acima do rio, abandonaram a viatura e desceram a explorar o local verdadeiramente paradisíaco mas de acessos dolorosamente

espinhosos e acidentados. O Rocha praguejava cheio de arranhões nas pernas. Que não tivesse tirado de calças, dizia-lhe o Rubro. Quis ir de perna ao léu?

Acalmou-se quando embateu no rio enorme e azul e em toda a verdura que os rodeava. Respirou fundo e até pensou que os dias ali passados seriam bastante proveitosos.

Entre os fetos verdes e sob a imensa folhagem dos carvalhos, decidiram descarregar a viatura. Iria depois o Rocha buscar os outros três à paragem da camioneta. Perderam a primeira carreira, viriam na próxima.

Descarregado o material, o Rocha arrancou de novo. O Rubro lá ficou, sentado no chão junto ao rio, a pensar naquela que lhe andava a desorientar a psique sem frutos palpáveis. Estava ali para esquecer um pouco essa loucura e haveria de consegui-lo. Mas era tão duro querer esquecer aquele sentimento que o invadia e lhe deixava uma sensação de paz e desassossego. Uns finos e isso passava.

Mais cinco quilómetros de curvas e o Rocha chegou à paragem da camioneta. Sinal de ninguém. A bufar pela boca e a roncar pelo estômago, entrou num *snack-bar* das Cerdeirinhas e pediu uma mista e um sumo de lata. Acalmou os ânimos a regalar os interiores com propositados requisitos. Até que finalmente chegava a camioneta com os outros três. Tinham perdido a primeira porque o Rubro informara-os mal do horário. Eles bem a viram, mas, como dizia Chaves, não lhes passou pela cabeça que seria essa. O Rocha estrebuchando rosnou como de costume:

– Sois uns azelhas! Qualquer burro sabe que para ir a Chaves se tem de passar por aqui. Ou nem sabeis que Chaves fica para estas bandas?

Desculpando-se, entraram para o carro. Estavam mal-humorados e tentavam deitar as culpas do lapso uns para

outros.

E foi neste estado de espírito que montaram as tendas durante a tarde. Terminado o serviço, mergulharam a experimentar a profundidade das águas, cada um a seu modo, outros de modo nenhum, e fizeram-se as compras necessárias na mercearia do Mira-Rio onde passaram o resto da tarde.

II

Já o sol se ocultava quando regressaram ao Boco. O Rocha ofereceu-se para a cozinha e os outros ajudaram no que poderia ser necessário. Arroz seco, chispalhada e ovos seria a ementa para o jantar daquele dia.

Tendo ido o Louro e o Rubro buscar água à nascente ali perto, eis que um sujeito desconhecido se lhes dirigiu. Perguntou quem eram e, depois de verificar que eram bons rapazes, deu autorização para, sempre que desejassem subir à povoação, atravessarem os seus terrenos. Poupar-lhes-ia esforços e seria um caminho seguro. Duas recomendações apenas: não lhe calcarem a relva e fecharem a cancela sempre que entrassem ou saíssem. Foi com entusiasmo que todos receberam a boa-nova. Enfiarem-se pelo mato acima era deveras uma aventura pouco atraente e obrigava-os a descer ao Boco antes do anoitecer, não fossem tropeçar. Era um autêntico suicídio descer aqueles terrenos sem luz. Com esta autorização remediava-se o problema. Comemoraram brindando o acontecimento com água da nascente fresca e pura.

– O nosso vizinho caiu do céu e temos apenas de conquistar-lhe a confiança – comentou o Louro.

– A confiança dele já a temos. Pensa que somos bons rapazes. Dissemos-lhe que éramos ex-seminaristas e estudantes

da Faculdade de Filosofia – acrescentou o Rubro.

– Se o Rocha trouxesse o carro cá para baixo, ficaríamos na maior! – rematou o Cordeiro.

– Nem penses! Não vou enfiar o carro por aqui abaixo para depois ele não conseguir subir. O caminho está cheio de buracos e curvas cerradas.

– No fim de esquartejar este ovo quero ir até ao café – atalhou o Lula com o queixo a pingar gordura da chispalhada.

– Vamos todos – recomendou o Rubro levantando-se para encher a malga plástica de água que emborcou de um sorvo.

A loiça não foi lavada. Ficou a vela de parafina a fumar fazendo companhia aos pratos sujos em cima da mesa improvisada com duas tábuas que ali havia. O céu alastrava-se em estrelas que raras vezes se poderiam ver da cidade, pois as luzes da noite ofuscavam-nas. Ali não havia luzes da noite. A terra era escura, existia apenas o reflexo da lua nas águas profundas.

– Sandra, cinco finos para a malta – pediu o Rubro à miúda de serviço.

– Cinco não, quatro. Eu prefiro leite – protestou o Rocha sentando-se com os outros ao balcão.

Todos se riram e com eles a miúda de olhar penetrante. O Rocha não gostava de adormecer sem tomar antes o seu copinho de leite. E ainda para mais num dia tão minguado em proteínas. Não, não poderia dispensar o leite, mesmo que rissem da sua atitude.

– Uma mista para mim – pediu o Lula com a cerveja entre as mãos.

– Já tens fome? – perguntou-lhe o Cordeiro.

– Eu não comi nada no acampamento. Estás a ver?...

Os líquidos rapidamente tiveram sumiço dos copos. Abandonando o Rocha à televisão, os quatro saíram para desenferrujar os matraquilhos na esplanada do café.

– Então tu és a Sandra – considerou o Rocha com um olho na televisão e outro na miúda que lavava os copos.

– Sou. O Rubro conhece-me há bastante tempo. E tu, como te chamas?

– Alberto Rocha, de Braga. Vinte e um anos, descomprometido.

– Ah! – E riu acriançadamente mostrando uns dentes fortes e brancos. – Tu és o do carro azul.

– Sim. Trabalhas aqui?

– Só nas férias. Os donos são meus tios. O Miguel é meu primo.

E apontou para fora onde os outros jogavam. Tinha acabado de chegar o Miguel, que cavaqueava com eles. Há quanto tempo o Rocha não via aquele sujeito?

– Vou cumprimentá-lo. Volto já.

Levantou-se e atirou um último olhar desinteressado à televisão e um outro penetrante à miúda.

III

Na primeira noite de todos os acampamentos raras vezes se adormece e esta não foi excepção. O chão era duro, grande problema para aqueles que se habituaram aos moles colchões. E depois a sensação da noite passada numa floresta longe de casa com os amigos ao lado ajudava a desarticular a língua. E desarticularam-na como nunca antes o haviam feito.

– Chute! Quero dormir.

– Ó Rubro, imagina a Vânia aqui a teu lado.

– Olha, vai para o diabo!

– O Rubro não lhe deu a coisa a tempo e ela mandou-o passear.

– Estás a fazer-me tesão.

– A tua prima é boa como o milho.

– Não gosto do traseiro. Tem-no muito descaído.

– Deixai-vos de porcalhices.

– Vamos mas é dormir. Amanhã há muito para fazer e convém que se vá à missa. Afinal de contas é domingo.

– À missa? Eu não vou.

– Nem eu.

– Alguém tem de ir. O que é que o padre Armindo vai pensar de nós?

– Então é o padre Armindo a celebrar?

– O da Caniçada está de férias.

– Mas ele anda por aí.

– Passa as férias em casa.

– Esse ao menos poupa.

– Mas quem é que vai?

– Onde?

– À missa, caneco!

– Pronto, vou eu – ofereceu-se o Louro, tão devoto, a coçar as virilhas.

Enquanto ele estava na igreja a escutar desatento a homilia do padre Armindo, no Boco aquecia-se o leite e adaptavam-se à cozinha alguns quesitos indispensáveis para o mínimo conforto culinário. A noite fora má, a manhã era bela. A loiça jazia ainda coberta de gordura e com os restos da véspera. Ninguém queria lavá-la. Porque um transportou a água e não tinha obrigação, porque outro cortou a cebola, porque aqueloutro acendeu o fogão de campanha. Seria o Louro a lavá-la logo que chegasse da missa. Mas ele chegou e recusou-

se a tão desprezível trabalho: que tinha aberto as latas da chispalhada e não era a sua vez.

A discussão adensou-se a ponto de se insultarem mutuamente. O Rubro então desceu de si e ofereceu-se. o Louro por sua vez reconsiderou e acompanhou-o.

A manhã espriava-se quente e, após as lavagens e a definitiva organização do campo, desceram o pequeno declive para mergulhar. Nenhum, porém, se decidia a meter-se na água. Apetecia antes ficar deitado na erva com o sol a bater doce, o olhar na paisagem verde, no límpido azul do rio. O Rubro sentado dedilhava um solo na viola. Do solo passou a cantar e os outros foram entrando a fazer coro. Ouvia-se longínquo o eco da balada. Interrompeu-a um barco a motor com um tipo atrás praticando esqui e outro nos comandos. Volteou frente à malta para desaparecer numa curva do rio.

– Vou mergulhar – decidiu-se o Lula. Pôs-se de pé e ganhou balanço para a queda.

– Espera por mim – gritou o Cordeiro.

E os dois furaram a água numa entrada perfeita.

– Também vou – disse o Louro. Mas, como a vista lhe fugisse para o fundo, desencorajou-se. Meteu primeiro o pé direito, depois o esquerdo. Molhou as mãos e aspergiu o corpo arrepiado. Vagarosamente entrou medindo a água pelos joelhos. Parou, então, com os braços cruzados a olhar o Lula e o Cordeiro a divertirem-se lá para o meio. Num acesso de coragem, atirou-se, bufou um arrepio e juntou-se aos dois companheiros fluviais com cinco braçadas.

– Atravessamos? – desafiou o Lula.

– És doido! Não sou nenhum pato – respondeu-lhe o Louro.

– Com esses músculos não me digas que não aguentas até à outra margem!

– Pouca treta e começa a nadar.

Nadaram, boiaram e chegaram à margem de lá. O Rubro e o Rocha, vendo-se abandonados, mergulharam também. Não gostavam muito de assistência às suas cabriolas aquáticas. Era a falta de experiência de natação. O Rocha dava uns toques em nado. Mas nos mergulhos era um desastre. Ao contrário, o Rubro mergulhava lindamente, mas a nadar, coitado. Sozinhos evitavam a risota dos outros.

IV

A ermida de São Bento, uma das maiores fontes de receita da igreja bracarense, erguia-se majestosa por cima do Cávado entre as serras pedregosas.

O Rocha estacionou a *Renault* diante do templo. Os passageiros saíram e foram todos dar umas voltas pelo largo. Eis quando se aproxima a Maria João numa careta de sorriso. Beijinhos a todos, não se podia demorar, que tinha trabalho no hotel. Passassem mais tarde, pois precisava de lhes falar.

– Nós agora vamos até ao parque. Depois passamos na recepção.

– Estou na sala de artesanato, aquela mesmo em frente.

O parque era frondoso, carregado de silêncio sacrossanto, onde os namorados se devoravam pausadamente nos bancos de madeira e os labregos comiam os seus farnéis de coxas de frango e arroz de forno. Dois caminhos: um para cima, outro para a direita. O Rubro queria subir. Ninguém concordou. Preferiam o horizontal. Mas, teimoso, subiu. Os quatro, ao contrário, instalaram-se numa mesa de granito não muito longe de três miúdas apetitosas. Desejaram cantar para despertar a atenção. Como não estava o Rubro, pegou o Rocha na viola que o Lula carregava e começou a esgalhar um malhão

desenfreado. Qual quê? As miúdas nem se dignaram olhar. O Rubro apareceu pouco depois muito aborrecido por os outros não terem seguido a sua ideia.

– Pega na viola e toca.

– Não toco!

– É para as miúdas.

– Deixa cá ver. –Arrebatou o instrumento, tirou um acorde sonoro, afinou o mi de baixo e introduziu o *Let it be* dos *Beatles*.

As miúdas continuaram sem lhes dar qualquer atenção. Talvez achassem burlesco os cinco tipos a guinchar música no parque. Contudo, não se pode dizer que não tivessem público entusiasta. Um rapazola aproximou-se e meteu conversa. Como lhes parecia parvo, falaram-lhe em inglês:

– Do you speak english?

– Ié, ai spique. Mi, ai ame a musique. De rock.

– Love’s you the rock?

– Quê?... Ah! Ié, de rock és bom!

– We know, we know...

– Tocai aí um rockzinho.

– What? We aren’t understand you.

– Allons y – interrompeu o Louro já farto. – Il es fou.

– You are right. Come on.

– Goodbye, foolish.

– Pró lixo? Essa não percebi – disse o desconhecido coçando a cabeça.

Rodeando o lago escuro de lodo, dirigiram-se para o hotel. O parvo lá ficou, a consumir o juízo das três miúdas, mais contente por ter conhecido cinco ingleses que tocavam *rock*.

Entraram então na sala de artesanato do hotel. Os artigos expostos eram essencialmente têxteis que ninguém comprava:

naperons, guardanapos, toalhas e lençóis de linho, bordados, mantas de serapilheira. Duas moçoilas constituíam o pessoal de atendimento. A João era uma delas. Bem apetrechada de ancas, belo cabelo e uma enérgica língua, andava apaixonada pelo Carlitos, coitada, e ele não correspondia muito ao seu amor. Nem tudo podia dar certo na vida.

– Querias falar connosco?

– Deixa lá, é maluqueira minha. Olhai, esta é a Anabela, que também trabalha aqui. O serviço é só nas férias.

– Muito prazer – disse o Cordeiro aproximando-se lambão ao ver que a rapariga era bonitinha.

– O Cordeiro, o Lula, o Rocha, o Louro e o Rubro.

Houve troca de beijos e a João disse em seguida:

– O convívio com a juventude do Rio Caldo é mesmo na quinta-feira?

– A sardinhada, dizes tu. Nós marcámos para esse dia.

– O padre Matos, reitor do São Bento e nosso pároco, convidou o grupo de jovens. Mas eu talvez não possa estar. Tenho de ir a Braga.

– Sim, nós sabemos. É uma pena não poderes partilhar a festa connosco.

– Se eu mudar de ideias ainda apareço.

– Sabes, parece que o Carlitos também vem.

– Ai vem?

– Não chegou a dar-nos a certeza. Como agora o vês quase todos os dias em Braga, bem lhe podias perguntar.

– Precisamos de comprar pão – lembrou o Louro para desviar a conversa.

– Pois precisamos – acrescentou o Lula já com fome.

– Vamos embora. Olha, João, se vires então o Carlitos, diz-lhe que o esperamos para a sardinhada.

– Digo. Podes ficar descansado que eu digo – prometeu a miúda ao Rubro, corando.

V

O grupo de amigos era constituído por aqueles que abandonaram o Seminário no ano anterior. Um deles era o Carlitos. Perdeu a ideia de ser padre e, como os outros, entrou para a Faculdade. A Maria João, sua colega de ano, apaixonou-se e daí vieram muitas complicações para todos. O Carlitos nunca simpatizou com ela. Achava-a feia e aborrecida. Mas a João convenceu-se do contrário e deu-se de alma e corpo ao rapaz. Este, como era peculiar do seu temperamento, quis tirar algum proveito da situação. Como vivia no apartamento com o Rubro e mais alguns colegas, ali a levava quando os outros não estavam, e fechava-se no quarto com ela. Um dia o Rubro entrou e descobriu. Comunicou aos outros e todos concordaram que a situação era deveras embaraçante. Não por o Carlitos se aproveitar da rapariga entre portas adentro; mas antes por ter feito isso sem os avisar. Ele não lhes quis dar ouvidos, a coisa embrulhou-se e resolveram dizer-lhe que, se assim continuava, não poderia ficar mais no apartamento. Tocara as raias do abuso: tinha um quarto só para si enquanto os outros dormiam dois e três em cada quarto a pagarem o dobro. Entrava e nem bom dia nem boa noite, aquilo era tudo dele. Não podendo aguentar este desprezo e esta convencida superioridade, a única solução para o caso era dizer-lhe «desculpa, mas não te queremos cá mais». O Carlitos teve de arranjar nova casa e ficou ofendido com os colegas. Ainda por cima não tiveram vergonha de o convidar para o acampamento. É claro que ele não aceitou.

A Maria João, depois do encontro com os rapazes do acampamento, ficou ansiosíssima. A sua ida a Braga dependia da boleia do pai e se o pai se lembrasse de não ir, lá ficava ela

em Rio Caldo. E o pior é que não sabia se o Carlitos apareceria na sardinhada. Andou a semana toda a telefonar, mas ninguém atendeu. Que martírio, as férias. Dava tudo para que as aulas começassem em breve. Sempre o poderia ver todos os dias.

Namorava oficialmente o Almerindo, um rapazinho da terra que tinha acabado o curso de engenharia. Mas era tão tosco, tão frio... O Carlitos tinha charme, um fogo que lhe queimava os fusíveis, que a punha doida. O pai desejava que ela casasse com o engenheiro e, se desconfiasse de que pela sua parte isso nunca aconteceria, dava-lhe uma tarefa, lá isso dava.

Quando a João via algum dos colegas do Carlitos, o seu coração dançava-lhe no peito em grandes guinadas. Era como se estivesse a vê-lo a ele, sempre tão triste, como que a pedir carinho, a pedir amor. E a João existia para o consolar, para lhe dar tudo. As noites eram um doce pesadelo. Acordava de olhos inchados e a cabeça dorida, mas valia a pena sonhar com as suas mãos a percorrerem-lhe a face. Cada minuto do seu dia era um beijo que recebia nos lábios. «Oh, Carlitos, vem na quinta-feira!», pedia ela silenciosa a olhar a torre da capela de São Bento à porta da sala de artesanato.

VI

– Vamos comer só a rosca e o fiambre? – protestou o Lula enquanto desciam a estrada de Rio Caldo na carrinha.

– Quem quiser come, quem não quiser não come! – exclamou o Rubro trincando um pedaço de rosca.

– Isto não é repasto que se apresente. Exijo jantar em condições! – enervou-se o Louro.

– Quem se oferece para cozinhar quando chegarmos ao Boco levante o braço – sugeriu o Rocha.

Ninguém levantou.

– Acho que o Rubro tem razão.: quem quiser comer, come; quem não quiser, que deixe ficar. Dá cá um pedaço – pediu o Rocha com a esquerda ao volante e a direita estendida.

– Estás a ser insuportável. Aqui ninguém manda. Todos temos capacidade para decidir – protestou o Cordeiro.

– Então oferece-te para cozinhar.

– Se eu soubesse cozinhar, oferecia-me já. Como não sei, deixo esse trabalho para os mais qualificados.

– Nem por isso quiseste lavar a loiça. Não cozinhas, não lavas a loiça, és um autêntico burguês. Os outros que trabalhem.

– Alto lá! Hoje fui eu quem limpou as tendas e acarretou a água para a cozinha. Outros houve que fizeram muito menos.

– Não estejas para aí a aldrabar! A água foi acarretada por mim – interferiu o Louro.

– E as tendas limpei-as eu! – acrescentou o Lula.

– E quem foi buscar o frango à mercearia?

– Grande trabalho! Cansaste-te.

– Não chateies, meu.

– Não chateies?! Tu é que estás para aí a lixar-me o juízo.

– Caluda! – ordenou o Rubro. – Assim ainda vamos acabar mal.

– Caluda não. Por acaso não sou livre de dizer o que quiser?

E a discussão foi aumentando de volume até ao Boco. Criaram-se dois grupos rivais: os preguiçosos-convencidos e os convencidos-mandões. O primeiro grupo era constituído pelo Cordeiro, o Louro e o Lula; o segundo era encarnado pelo Rubro e pelo Rocha, os mais velhos.

Havia um bailarico numa capela entre as pontes a caminho do Gerês. De comum desacordo, dirigiram-se para lá. Avisara-os a Sandra da festa quando subiram ao Mira-Rio a tomar o café do serão.

Um conjunto de música popular tocava e cantava. Por entre espessa poeirada, os parzinhos batiam o pé em frenesim. Os cinco companheiros estacaram olhando a balbúrdia. Afastou-se o Lula a ver se arranjava par, deixando os outros espapaçados sem saber o que fazer. Mas nada pescou. A noite era má, escasseavam as mulheres disponíveis. Até se viam homens a dançar com homens. Era melhor retroceder. Quando se juntou ao grupo, viu que os companheiros falavam com dois desconhecidos e estavam bem dispostos. Eram tipos holandeses a trautearem inglês.

Mal avistaram o Rubro no meio da confusão, dirigiram-se-lhe a perguntar se não era ele o que nesse dia de manhã estava a tocar viola junto ao rio.

– We had loved your music.

– Really? You may come to hear tomorrow, if you will.

– Of course! We shall go, me and my friend. You are English?

– No, we are Portuguese.

– But you speak english very well.

– Not at all. You will come?

– O.K., we are going.

– Bye.

– Bye.

– Tomorrow, we are waiting for you.

– That's O.K. Bye.

Voltaram ao Boco bastante tarde, cobertos de pó e fartos de música parola. Aí a discussão continuou entremeada de insultos e palavrões. De garganta fatigada e fígado espumoso,

adormeceram. Só com o sono é que a tempestade amainara. No dia seguinte chegariam o Barbosa e o Toninho. Mais ajuizados, seriam o equilíbrio que faltava. E o Rubro, depois de todos adormecerem, pensava que sim. A coisa estava mal, ninguém se entendia. Adormeceu também numa recordação aliciante da imagem da Vânia que reveria na próxima sexta-feira, dia do seu aniversário, tão distante ainda.

VII

Amanheceu, fartou-se de amanhecer. O sono invadia as tendas. De rins apertados, levantou-se o Lula, já o sol incidia recto na mesa da cozinha improvisada. Pouco a pouco soergueram-se todos friccionando a vista ferida pelo sol. O pequeno-almoço resumiu-se aos restos do pão do dia anterior com manteiga e leite do Mira-Rio. O Rubro pensou encetar a garrafa do porto que lhes havia oferecido um amigo antes de partirem de Braga. Mas não, os outros não concordaram, pois não tinham culpa de o Rubro detestar o leite. Quando se bebesse o porto, que bebessem todos.

– Lá anda o barco dos holandeses! – gritou excitado o Lula.

– Vamos chamá-los – aconselhou o Cordeiro, começando a descer a ladeira que levava à margem do rio.

– Esperem por mim! – pediu o Louro correndo atrás engasgado com um naco de rosca cheia de manteiga.

Bem gritaram, bem fizeram gestos, mas os holandeses não responderam. Que frustração para os três! E o Lula, que gostaria tanto de dar uma voltinha no barco!

– Não vale a pena gritar mais. Desapareceram. Vamos para cima – aconselhou o Louro desconsolado.

Acompanhou-o o Cordeiro. Ficou o Lula, descoroçoado,

a olhar a vastidão do rio deserto. Sonhara toda a noite com o barco e uma longa viagem, só ele e o holandês ruivo, a fazer esqui, deslizando na água enquanto o barco rodopiava à frente. Agora nem barco, nem holandês, nem música. Queria cantar-lhes algumas do Paul Simon e do Bruce Springsteen, para lhes mostrar que os Portugueses não são toscos. E o Rubro tocava viola. Assim, quiseram armar-se em importantes, que fossem para o diabo.

– É preciso telefonar ao Barbosa antes do meio-dia, para saber a que horas ele e o Toninho chegam – avisou o Rubro a mastigar um bocado de chouriça de colorau.

– Vou eu ao Mira-Rio e telefono – ofereceu-se o Louro.

– Ah! Ele quer ver a Sandra!... – exclamou o Cordeiro irónico.

– Também é preciso saber se o Daniel consegue as sardinhas para quarta-feira. Senão, temos de as arranjar aqui.

– Telefono também ao Daniel.

– E dá umas apalpadelas à Sandra por mim – acrescentou o Cordeiro.

– Então vai-te embora. Quanto mais cedo, melhor, que depois podes não apanhar o Barbosa em casa. E cuidado com a Sandra: anda a deitar-te olhinhos.

– A mim não. Ao Rocha talvez. Cordeiro, vens comigo?

– Traz da mercearia uma dúzia de ovos e um frango – pediu o Rocha saindo da tenda maior com um braçado de cobertores.

– Vou pensar no caso. Pode ser que traga outra coisa.

– Traz o que eu te digo e cala-te.

– Eu trago o que me apetecer! Por acaso mandas na cozinha?

E desapareceu com o Cordeiro por entre o arvoredado e a frescura da manhã. Quando voltaram, depois de terem dado

seca velha à Sandra, apresentaram o resultado dos telefonemas: o Toninho e o Barbosa chegariam de tarde; as sardinhas tinham de comprá-las eles, pois o Daniel esqueceu-se de as encomendar.

Esta última notícia pôs o Rubro de mau humor. Onde é que raio haveriam de arranjar duzentas sardinhas ali, no meio da serra?

– Raios partam o Daniel e a mim, que confiei nele! – dizia.

Após o almoço, renasceu o problema de sempre: quem era o legítimo lavador da loiça. Não era ninguém. O Rocha não lavava porque foi ele a cozinhar; o Louro foi com o Cordeiro ao Mira-Rio; o Lula lavou a loiça do pequeno-almoço; o Rubro descascou batatas e estava mal disposto. Mais protestos, mais piropos, mais insultos, mais grunhidos que faziam eco nas montanhas vizinhas. Que fossem todos para o diabo! Já estava farto. Não lhe custava nada apanhar uma camioneta e ir-se embora. E que não cantassem muito, que fã-lo-ia mesmo! Não estava para os aturar.

Deixaram-no só e enfiaram-se no café até às quatro da tarde. Também não estavam para o aturar, que se fosse embora se quisesse.

VIII

O Rubro decepcionou-se com o acampamento. Andara dois meses a prepará-lo, a contactar padres, os responsáveis do local, os amigos, e tinha a dolorosa impressão de que tudo foi de balde. No acampamento primava-se pelo egoísmo: cada um fazia o menos possível. «Os outros que façam, esses é que têm obrigação». E porquê o egoísmo, a resmunguice sempre na ponta da língua? Todos haviam sido seminaristas, tinham

frequentado um colégio interno onde a norma fundamental de vida era «faz o que deves e está no que fazes». Tudo se regia pela obrigação, pelo dever. Desde o levantar e ir à missa até ao jantar e ao estudo à noite. Saíram e descobriram então que na vida nem tudo são obrigações e deveres. Havia a liberdade, e descobriram-na. E Agora, o que cheirasse a opressão ou a dever lhes era altamente desprezível, como o ter de lavar a loiça.

Junto à bica da água o Rubro passava o esfregão por um prato e pensava. A água corria espumosa pelas pedras em direcção ao rio. Era do detergente. Faltavam apenas os talheres para completar a lavagem.

Também ele frequentara o Seminário e saíra um dia. Não era nem melhor nem pior do que os companheiros. Era o mais velho, tinha vinte e três anos e isso tornava-o mais responsável. Mas mais responsável de quê? Desde o início que o acampamento se tornara numa calamidade. Ele, que pensara gastar uns dias na paz dos montes e das águas, viera para um inferno. Andava-se às turras, ninguém dispensava uma palavra de agradecimento, de conforto, de solidariedade. Comia-se de cara torcida.

O testo de uma panela voou rente aos fetos.

«Oh! Vânia. Como eu gostaria que me ouvisses e compreendesses! Imagina que até me apetece chorar como quando era menino lá em Timor. A minha mãe vinha depois, pegava-me ao colo e beijava-me de mansinho até eu parar de chorar. Mas tu não vens e sei que não estás a pensar em mim. Conhecemo-nos. Vai quase há um ano... Escreveste-me muitas cartas e eu também. Fiquei louco por ti e aceitaste ser a minha namorada quando te fiz a proposta. Eu era feliz, muito feliz. Porém, um dia disseste-me que não era amor aquilo que sentias por mim; que era apenas amizade. Então eu tornei-me numa

noite fria. E ficaste muito preocupada comigo, continuando-me a escrever aquelas cartas de mel.

«Sexta-feira é o dia dos teus anos. Convidaste-nos a todos para a festa e comprometemo-nos a ir. Vou com os outros, animar, tocar viola. Porque no fundo, o que tu mais gostas é da minha viola e dos meus *shows*. Não passo de um jogral cuja função é animar a malta.

«Por que me deixas triste, Vânia? Pensei em ti para clarear esta noite. Escureceu mais. Os meus amigos são uns tipos porreiros. Hoje é que não os suporto, como à tua imagem. Vá, rua! Fora da minha vida! Não tens o direito de permanecer aqui dentro. Já te disse, fora! Fora!!».

IX

O Lula esquetejava o frango para o jantar enquanto o Cordeiro, contra sua vontade, cortava cebola para a panela. O Louro lia a *Menina e Moça* do Bernardim Ribeiro e o Rocha esfregava cuidadosamente um par de cuecas amarelas. Voltaram a meio da tarde do café, humildes como as canas ao vento. Não disseram palavra ao Rubro; deixaram-no solitário a dedilhar a viola na margem do rio.

Entretanto ouviu-se um ruído de um automóvel por cima do Boco. Momentos passaram e o Lula distinguiu três sujeitos a descerem em direcção às tendas. Eram o Barbosa e o Toninho com o pai do Miguel, dono do Mira-Rio. Largaram tudo e foram acolhê-los entre abraços e sorrisos. Até mesmo o Rubro foi, atirando a viola e o mau humor para o canto, correndo como bicho do mato.

Fizeram festa ao serão, já o pai do Miguel havia partido. Rodeados à volta da mesa improvisada, uns no chão, outros nas poucas cadeiras de lona, escutavam as últimas de Braga,

esperando pelo frango e pelas batatas que estufavam no fogão de campanha. Dizia o Barbosa para a assembleia:

– Saímos de Braga às quinze na camioneta para Chaves. Como não sabíamos onde ficavam as Cerdeirinhas, pedimos ao condutor para nos informar no momento oportuno. Ora, ele esqueceu-se e nós não saímos quando a camioneta passou por ali.

– E lá fomos nós todos porreiros da vida a apreciar a paisagem – continuou o Toninho –, até que numa das paragens entra um fiscal. Pede-nos o bilhete e considera-os inválidos. Deveríamos ter saído dez quilómetros atrás. Queria que nós pagássemos multa. «Multa!?!», perguntei-lhe. «A culpa não é nossa. Pedimos ao condutor para nos avisar quando a camioneta chegasse às Cerdeirinhas e ele não fez caso ou então esqueceu-se». O fiscal pensou, repensou e aconselhou-nos a sair na próxima paragem, que viria outra camioneta em direcção contrária.

– Não pagámos a multa, mas tivemos que pagar novo bilhete para as Cerdeirinhas – acrescentou o Barbosa. – Eram seis horas quando lá chegámos. Táxis, nem sinal deles. Mochilas às costas e pusemo-nos estrada abaixo, a caminho da Caniçada, conforme informações de algumas pessoas que íamos encontrando. Não sabíamos onde estávamos, sabíamos apenas que teríamos de chegar ao café Mira-Rio. Mortinhos de cede, entrámos no café e o pai do Miguel, mal nos viu, prontificou-se logo a trazer-nos no carro.

– Toninho, vieste de Guimarães? – perguntou o Rubro.

– Não, vim de Ronfe. Os meus pais foram para a praia da Póvoa passar o mês e eu dirigi-me para Braga onde o Barbosa esperava por mim. Terei de voltar na sexta-feira para me juntar a eles. Mas até lá vai acontecer ainda muito coisa.

– Olha, aqui ninguém se entende – começou a queixar-se o Lula.

Mas não lhe deram ouvidos, pois o jantar estava pronto. Comeu-se e as canções do Paul Simon e do Garfunkel ouviram-se na penumbra do início da noite. O Rubro tocava a viola com gosto enquanto seis vozes em desuníssono badalavam melodias em inglês. Sentiam-se felizes por partilharem juntos o serão e recordar os tempos do Seminário.

Eram sete. Apesar de a tenda ser grande, o Lula optou por dormir sozinho na canadiana, onde se guardavam trastes e sacos. Os restantes deitaram-se na maior. Havia, no entanto, um problema: minguavam os cobertores e o Rocha não queria ceder um dos seus, pois, dizia, tinha frio durante a noite. Contudo, por insistência do Toninho, o único que o conseguia vergar, acedeu largando para outro um dos que lhe sobejava. Sempre se arranjará com o lençol e um cobertor.

– Amanhã temos de ir falar ao Padre Matos, o reitor de São Bento, para combinarmos a sardinhada – lembrou o Rubro, despindo as calças surradas. – Eu escrevi-lhe antes de virmos, a convidar os jovens de Rio Caldo para um convívio, e ele deu aval positivo.

– E as sardinhas? Ainda não as temos – constatou o Louco com um ataque de bom senso.

– Talvez o pai do Miguel as arranje. Ele tem mercearia e costuma ir ao mercado da vila – atalhou o Rocha.

– Falamos com ele amanhã – decidiu o Rubro embrulhando-se no cobertor adentro.

A conversa arrastou-se. Do programa para os dias próximos passaram para o tema «mulheres» e só houve silêncio quando os roncos incomodativos do Louro se começaram a distinguir por entre a verborreia. O Louro adormecera de um modo angelical, face voltada para a saída da tenda, traseiro para os nictófilos desenfreados. O Lula dormia na tenda ao lado, sonhando com a miúda que deixou na terra.